



Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

FERNANDA BRITO BINCOLETTO N° USP: 5887364



AVALIAÇÃO – Literatura Latina: Retórica/Oratória

02/07/2017

Discorra sobre os principais contextos oratórios da Roma republicana, usando exemplos dos discursos estudados em sala de aula.

Seja para debater, persuadir ou informar, a arte de falar em público na Roma republicana foi amplamente utilizada. O governo republicano **passou a** ser exercido pelos magistrados, com assessoria do Senado. Na prática, o órgão máximo de poder na **nova** estrutura política instaurada em Roma era o Senado, que exercia funções legislativas e controlava toda a administração e as finanças, tendo poder até mesmo para declarar guerras. Seus membros vinham de um grupo restrito de famílias abastadas e eram vitalícios.

Os magistrados exerciam o poder executivo. Os mais importantes entre eles eram os cônsules, eleitos anualmente em número de dois para cuidar das principais questões administrativas e do comando do exército. O Senado concentrava a maior parte do poder do Estado. Seus integrantes, os senadores – **homens originários de famílias patrícias** faziam as leis e tomavam as decisões políticas mais importantes.



Dos contextos oratórios da Roma republicana, pode-se destacar quatro principais: o tribunal, a assembleia popular, o senado e cerimônias fúnebres:

- a. Os tribunais ocorriam no Fórum, ao ar livre, discursando o acusador e o defensor (o próprio réu e/ou o patrono). Eram direcionados ao pretor (magistrado eleito anualmente), ao júri, e à corona (público que está presente mas não faz parte do tribunal). Os temas costumavam ser civis ou criminais, sendo este último de maior repercussão política e nos discursos. Abordava-se crimes como violência pública,

extorsão das províncias, crimes de cidadania, lesa-majestade (ou alta traição), assassinatos e envenenamentos.

- b. As assembleias populares, embora com o nome referindo-se ao povo, não eram exatamente “do” povo. Um magistrado ou alguém convocado ou indicado por ele fala para o público romano geral. As assembleias também aconteciam no Fórum, especificamente numa plataforma chamada Tribuna Rostral. Entre os temas abordados, estavam presentes a apresentação de propostas de lei (processo de cima para baixo; não há votação nem decisões), informes senatoriais, política (basicamente autopromoção política, em geral denegrindo o inimigo).
- c. As discussões no Senado ocorriam na Cúria (prédio do Senado), mas também ocorriam reuniões em templos. Senadores discursavam para outros senadores sobre legislação (discussão e elaboração de leis), política externa, questão política de maneira geral (presença também de autopromoção e suas respectivas características).
- d. Como uma subespécie da assembleia popular, a cerimônia fúnebre também ocorria no Fórum, na Tribuna Rostral. Restrita às famílias da nobreza essas cerimônias representavam uma homenagem ao morto – e também à sua respectiva família –, havendo, portanto, também a presença da autopromoção.

O orador e filósofo Marco Túlio Cícero certamente está entre os intelectuais de maior destaque da Roma republicana, construindo discursos em diversos contextos e inserindo inúmeros termos na língua latina. Dois grandes exemplos, tanto da genialidade de Cícero quanto dos contextos oratórios da Roma republicana, merecem destaque: a defesa de Murena e o discurso a favor de Marcelo.

Lúcio Licínio Murena pertencia a uma família plebeia, que não era rica, mas contava com pretores entre os seus membros. Murena foi proclamado cônsul mas acabou sendo acusado de corrupção eleitoral. O seu processo aconteceu no ano 63 a.C. e, ao final, foi absolvido. Seus principais acusadores eram Sulpício Rufo, famoso jurista e orador, e Catão. Na defesa, encontravam-se Hortênsio (um dos melhores oradores de Roma), Crasso e Cícero – sendo este último encarregado da peroração, a parte final de um discurso. A peroração tem

dois objetivos principais: lembrar à audiência os pontos principais do discurso e influenciar suas emoções.

A acusação foi articulada em alguns pontos importantes: censura da vida pregressa de Murena; Murena não atingia os requisitos exigidos para o consulado; e acusações de corrupção eleitoral. Os dois primeiros pontos eram cruciais, pois se Murena fosse julgado de fato moralmente condenável e não merecedor do consulado, a acusação de corrupção eleitoral faria sentido. Catão, como um exemplo, acusa Murena de dançarino (os romanos da época consideravam a dança imoral). Cícero, em contrapartida, diminui a autoridade de Catão e faz uso do argumento de probabilidade e de verossimilhança: não há registros suficientes de banquete vergonhoso ou fornicção, apresentando as virtudes que ele tem e os vícios que não tem.

É uma injúria de um acusador violento, se for uma censura verdadeira, mas, se for falsa, é uma injúria de um caluniador maledicente. Por isso, Marco Catão, já que és detentor de uma tal autoridade, não deves colher uma injúria numa encruzilhada ou entre as invectivas dos bobos, nem chamar irreflectidamente bailarino a um cônsul do povo romano, mas deve considerar de que outros vícios está infalivelmente eivado aquele a quem possa ser feita, com razão, uma tal censura.

Outro argumento utilizado pelos acusadores é a credibilidade do argumento da linhagem de Murena. Murena não é patrício mas vem de uma família de senadores seu pai triunfou na Ásia. Cícero inverte o argumento contra o acusador e atenua a crítica levantada, demonstrando que ambos estão no mesmo “barco”:

Vejo que existem em ti, Sêrvio Sulpício, no mais alto grau, o mérito do nascimento, da probidade, da atividade e das restantes distinções com que é justo empreender uma confiante candidatura ao consulado. Mas reconheço que Lúcio Murena possui predicados semelhantes a estes, e tal ponto semelhantes, que não houve possibilidade de ele ser suplantado por ti nem de te superar em dignidade.

Mais um exemplo dos discursos de Cícero é quando se refere Marcelo, um discurso de agradecimento, mas também de exortação política. Não se trata de um discurso de tribunal,

mas a tática é semelhante. Cícero utiliza diversas estratégias estilísticas para a construção de seu discurso em favor de Marcelo e também para se apresentar como um mentor político para César (com o objetivo de que César reconstrua a república pós-guerra e a *clementia*):

O prolongado silêncio, **senhores senadores**, de que me valera nos últimos tempos, não por algum temor, mas em parte por sofrimento, em parte por pudor, teve fim com o dia de hoje, que representou, ao mesmo tempo, o ponto de partida para eu dizer o que quero e o que penso, segundo meu antigo costume. É que não posso de modo algum deixar passar em silêncio tamanha brandura, essa clemência de tal modo inédita e inaudita, tamanho comedimento em meio ao poder supremo sobre todas as coisas, enfim, uma sabedoria tão incrível e quase divina. É que, com a restituição de Marco Marcelo a vós, **senhores senadores**, e à República, considero restabelecidas e preservadas para vós e a República minha própria voz e autoridade, não apenas as dele. De fato, eu sofria, **senhores senadores**, e angustiava-me profundamente, ao ver um homem tal, apesar de defender a 7 mesma causa que eu, não compartilhar da mesma sorte; não me podia convencer, nem considerava justo, que nos entregássemos à nossa antiga conduta, enquanto aquele rival e imitador de minhas aspirações e obras era de mim — ele que era uma espécie de aliado e companheiro — separado. (...) Portanto, **Gaio César**, tu desobstruíste para mim as atividades, até então impedidas, de minha antiga

Falar com franqueza permite falar coisas ousadas. É interessante como Cícero se dirige três vezes aos senadores antes de se dirigir diretamente a César. Utilizando-se de um número grande de adjetivos, Cícero constrói um elogio estratégico a César (em relação a todas as suas virtudes de perdão aos pomperianos: a clemência, a medida, a moderação e a sabedoria). Cícero foi acusado de bajulação, mas seu elogio é estratégico, retórico. Muitas vezes ele pode ser interpretado como irônico, e isso se dá pelo fato de ele elogiar de maneira incondicional tudo o que está relacionado à sabedoria de Cesar – talvez até culpando-o indiretamente pela guerra.

Um bom exemplo para provar que Cícero não bajula César é o uso estratégico de conjunções adversativas quando ele fala sobre os feitos bélicos do ditador. Divide esses feitos bélicos divididos com o exército e a fortuna, ou seja, não cabe só a Cesar tais vitórias:

Subjugaste povos de bárbara selvageria, de incontável número, de imensuráveis territórios, de abundantes recursos de toda espécie. **No entanto**, venceste aquilo que tinha não só a natureza, mas também as condições propícias à derrota, pois não há poder tão grande que não possa ser enfraquecido e aniquilado pela força e pela espada. (...) Dessa maneira, Gaio César, tuas honras militares serão certamente celebradas não apenas nas letras e língua latinas, mas praticamente nas de todos os povos, e nenhuma geração jamais calará diante de tuas honrarias. **Contudo**, por algum motivo, feitos dessa natureza, ainda quando lidos, parecem abafados pelo clamor dos soldados e pelo som das trombetas. Por outro lado, quando ouvimos dizer ou lemos que algo foi feito com clemência, brandura, justiça, moderação, sabedoria — sobretudo em meio à cólera, que é inimiga da sensatez, e à vitória, que por natureza é altiva e soberba —, somos tomados por tal ardor, não apenas no caso de feitos reais, mas também no de fictícios, que muitas vezes sentimos apreço por quem nunca vimos!

Cícero viveu ao final da república romana, um período de decadência da instituição republicana de Roma e significativa ascensão das aspirações tirânicas de seus líderes. Orador de extrema competência, ocupou diversos cargos durante a carreira política, inclusive cônsul da república romana.